

BARREIRAS CULTURAIS À TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO: FORMULAÇÃO PRELIMINAR DO PROBLEMA

Alfredo A. C. Mendonça de Souza Arqueólogo do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural/SEEC-RJ e mestrando em Ciência da Informação no IBICT/CNPq/UFRJ

RESUMO

A transferência de informação dá-se, necessariamente, através de canais sujeitos a ruídos, os quais podem introduzir distorções, dificultando-a e impedindo que seja efetiva. Identificando-se a fonte de ruídos com o meio ambiente deste fenômeno, o qual nada mais é do que a interseção das culturas do emissor e do receptor, procura-se demonstrar que a própria cultura receptora pode constituir-se em barreira à transferência de informação.

Descritores: Informação; Transferência de informação; Comunicação; Barreiras culturais.

1 - INTRODUÇÃO

Na medida em que não foi possível, até o momento, aos profissionais e pesquisadores da Ciência da Informação, delimitar os fenômenos que lhes são próprios, ou que constituem seu objeto de estudo, e, muito menos, estabelecer regularidades empíricas e formular leis, hipóteses ou modelos gerais que correlacionem esses fatos observados (muito embora alguns resultados já existam, como as leis de dispersão e crescimento da literatura), torna-se evidente que ela não é uma ciência no sentido estrito do termo, mas sim, e principalmente, "um corpo geral de conhecimentos com objetivos socialmente desejáveis" (Foskett)¹, ou, como querem Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskyi² "uma disciplina científica, não uma ciência independente".

No entanto, por força da "necessidade biológica que tem o cérebro humano de se envolver com a atividade de processamento da informação, a fim de se desenvolver adequadamente, e no fato de que isto também se estende à sociedade humana como um todo" (Shera, citado por Foskett, 1980)³, torna-se evidente que a Ciência da Informação é um campo de estudo que tende a se expandir e consolidar, o que exigirá, certamente, maior rigor metodológico dos profissionais envolvidos, de modo a livrá-la das opiniões pessoais e das proposições não demonstráveis, para torná-la explicitamente científica, com seus postulados intersubjetivamente testáveis.

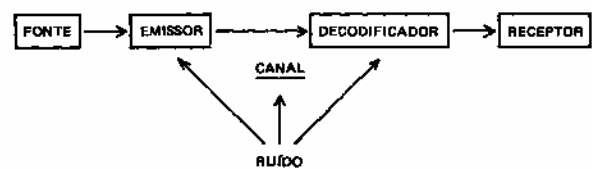
É de acordo com estas premissas que, neste artigo, pretende-se formular, preliminarmente, o problema

da transferência de informação em contexto transcultural, criando-se um modelo mais adequado deste processo (derivado do de Shannon e Weaver), estágio necessariamente obrigatório para o desenvolvimento do estudo das barreiras, assunto focal no âmbito da Ciência da Informação, e que tem sido ignorado pela maioria dos autores.

2 - TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO: MARCO CONCEITUAL E HISTÓRICO

A fundamentação teórica da Ciência da Informação (a qual surgiu em 1964, na 27ª Reunião Anual do American Documentation Institute —ADI) inicia-se com Shannon e Weaver (1949), com a formulação da Teoria Matemática da Comunicação, desenvolvida com base em um modelo simples e acurado derivado da teoria geral dos sistemas:

MENSAGEM>MENSAGEM



Tal modelo, fixou os elementos fundamentais da comunicação humana e a possibilidade de ruídos ou interferências geradores de incerteza, muito embora, se destinasse, originalmente, a explicar a comunicação eletrônica.

Nos anos seguintes, a Ciência da Informação tomaria "emprestado" fragmentos teóricos da lingüística, da comunicação, da taxonomia biológica, da psicologia, da sociologia, da biblioteconomia, e de outras áreas. Em 1969, Kochen (citado por Shera & Cleveland, 1977) , proporia que o cerne da Ciência da Informação é a dinâmica epistemológica, dizendo respeito às leis ou regularidades que governam a aquisição de informação, e sua transformação em conhecimento, a assimilação do conhecimento em compreensão, e a fusão entre esta e a razão. Otten, ^{aPud}5, em 1974, por sua vez sugeriu quatro pontos básicos para o desenvolvimento de um quadro conceitual para a Ciência da Informação, os quais implicavam em reconhecer:

- i a natureza multinível da informação;
- ii a existência de diferentes conceitos de informação;
- iii a interdependência entre matéria, energia e informação;
- iv o papel preponderante da comunicação para a informação.

Numerosos autores trabalharam nestes multiníveis da informação, como Boulding (citado por Bordenave, 1979)⁶, o qual, partindo de uma perspectiva estrutural, listou sete níveis, do mecânico ao social, passando pelo humano (antropológico ou cultural), e Belkin e Robertson⁷, que definiram níveis hierárquicos intrínsecos, ou spectrum da informação, incluindo a comunicação inter-humana e as estruturas conceituais da sociedade, em outras palavras, a cultura, aspectos que são designados por natureza semântica da informação, por Mikhailov, Chernyi e Gilyarevski⁸, exemplos que demonstram serem os aspectos culturais de importância vital na compreensão do fenômeno informação.

No entanto, o que a maioria de tais classificações enfatiza, é o âmbito supra-humano da informação. Conquanto isto seja verdade, e Monod , prêmio Nobel de Fisiologia em Medicina por seus estudos de bioquímica celular já o havia explicitado, ao afirmar que a informação antecede a tudo, até a própria vida, deve-se observar que para a Ciência da Informação científica a ênfase deve recair obrigatoriamente no modo social, o qual é uma relação entre organismos, de forma alguma essencial para a sobrevivência de todas as espécies (Davis) . Ora, se para que os organismos existam é fundamental a pré-existência da informação, é evidente que, para poderem sobreviver em uma organização mais complexa - a sociedade -

necessitam de maior quantidade de informações, estruturada de forma mais eficiente, em níveis mais altos de energia. Assim, o modo social pressupõe informação, a existência de códigos e mecanismos que regulem a interação entre seus membros, estruturas semióticas, estas, que podem ser entendidas como cultura. Portanto, ainda que a informação anteceda a vida, a sociedade e a cultura, sendo tão vital para a espécie humana que podemos dizer que habitamos uma informosfera, é o nível antropológico que mais diretamente deve interessar à Ciência da Informação, pois o processo de comunicação/informação, assunto focal desta disciplina, dá-se em um meio ambiente, específico que "é a cultura, cujo conceito, na opinião de Geertz ¹¹, é essencialmente semiótico. É justamente deste meio ambiente que surgem os ruídos, distorções e barreiras, um dos objetos centrais de investigação da Ciência da Informação.

Geertz propõe que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura, seriam estas teias, e a sua análise, sendo pública, porque o significado o é. Como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, ela não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos ocasionalmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições, os processos: ela é um contexto, algo dentro do qual os signos podem ser descritos de forma inteligível, com densidade. No entanto, como reconheceu Sahlins¹², tendo-se dissociado a ordem cultural em subsistemas diferentes, cada um foi sujeito a análises e interpretações diversas, tendo sido esforço constante da antropologia tentar reintegrá-la, usando nossa própria sociedade como modelo. Mas o projeto estava condenado desde o início, porque o primeiro ato tinha consistido em ignorar a particularidade e unidade da cultura como estrutura simbólica.

Assim sendo, o Homem tem, como qualidade distinta, não o fato de viver e interagir com este universo. material, circunstância que compartilha com todos os organismos vivos, mas de fazê-lo de acordo com um esquema de significado criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única. Sendo constructos eminentemente humanos, as culturas têm por características decisivas, não o fato de poderem conformar-se às pressões materiais, mas de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. Culturas são, portanto, ordens de significado de pessoas e coisas, ordens estas compartilhadas por todos os portadores da mesma cultura.¹²

Tome-se agora, um homem qualquer. A cada instante, este indivíduo, em contato com o mundo, formula e reformula conceitos, organiza e reorganiza sua experiência, num processo dinâmico e orientado numa certa ordem (Cintra)¹³ quer dizer, de acordo com seu contexto cultural próprio, pois a ninguém é possível pensar sem referência aos seus parâmetros culturais. Assim, cada nova percepção se incorpora à estrutura cognitiva individual, formando o potencial para a comunicação¹³. Esta pode ser entendida como a forma encontrada pelo homem para atuar sobre as coisas de significados, pois as propostas individuais, após consensualizadas pelo grupo, irão permitir a permanência ou a modificação dos esquemas simbólicos pré-estabelecidos. Em outras palavras, a comunicação é o agente específico da estabilidade ou da mudança cultural, depois de haver sido o agente catalisador do surgimento da(s) sociedade(s) e da(s) cultura(s). Percebe-se, daí, claramente, o caráter interativo da comunicação, e sua intencionalidade, pois ela não é possível sem a dupla consciência; de si próprio e do(s) outro(s). Mais ainda, sendo ela própria um traço cultural, quanto mais elaborada e mais complexa a cadeia de significados que a constituem, mais específica de dado grupo humano se torna, fato que é facilmente percebido pelo estrangeiro, quando chega a um país estranho, com tradições (culturais) inteiramente diferentes, mesmo que tenha domínio total do idioma do país. Ele não compreende aquele povo, não pode situar-se entre eles (Wittgenstein, citado por Geertz, 1978)¹¹. Da mesma forma, dentro de um grupo, é impossível não comunicar, pois tal tentativa só pode ser feita a partir dos próprios padrões culturais, pela sua negação, e a própria cultura comunica, como fica comprovado pelas experiências patológicas de não comunicar (Watzlawick)¹⁴. Assim, por exemplo, fazer-se de mudo, na nossa sociedade, comunica a intenção de não comunicar.

Em outros termos, pode-se dizer que tanto a cultura como a comunicação implicam na criação e manipulação de signos, ambas exprimem ou explicitam conceitos e idéias que devem ser comuns a emissores e receptores para poderem ser entendidas. No entanto, enquanto a cultura é necessariamente coletiva, e reflete a concepção de estar no mundo que determinado grupo tem, a comunicação, embora inter-humana, é individual, e conquanto atue como catalisador e cimento da cultura, remete-se a esta para ser efetiva. Ela responde à necessidade intrínseca do Homem de se manifestar, de compartilhar com outros sua ação sobre o mundo, sendo a mensagem um dos seus aspectos centrais (Cintra)¹³, o que corresponde, em termos culturais, aos padrões ou normas. Assim sendo, a comunicação permeia todo

e qualquer contato inter-humano (mas não o regula, como faz a cultura), e compreende não só a persuasão e a informação (Bordenave)⁶, mas gestos, posturas, comportamentos e até estruturas materiais como uma casa ou um artefato, pois tudo tem significado e comunica ao receptor algo do, ou sobre, o emissor ou agente. Já a informação, é a mensagem intencionalmente estruturada para alterar as concepções do receptor, elaborada com o conhecimento prévio, por parte do emissor, destas concepções (que em última análise constituem o(s) contexto(s) cultural(is) de ambos). Tal aceção encontra respaldo no próprio étimo deste termo, do latim, *informare*, instruir, ensinar, dar parecer sobre, confirmar, corroborar, apoiar, (Holanda Ferreira, 1975).

Estas, obviamente, não são as únicas formas de comunicação desenvolvidas pelo Homem, que vão desde a linguagem gestual, não verbal, até o canto e a poesia. Duas formas específicas e freqüentes, nas sociedades humanas de todas as épocas, são a conversa, que se caracteriza por uma rápida transmutação de papéis, o emissor passando a receptor e a emissor, e assim por diante, num processo dinâmico de troca de informações, idéias, conceitos, projetos, desejos, a qual é a própria base sobre a qual assenta o fenômeno cultural, atuando como vetor do consenso que a caracteriza, e a notícia, para a qual é fundamental a velocidade de disseminação e a novidade e que pode ser entendida como um mecanismo de defesa da integridade cultural do grupo, para que todos saibam, ao mesmo tempo (ou quase), tudo o que lhes é relevante.

Ainda assim, algumas considerações podem ser derivadas destes postulados:

- i A informação é uma entidade, algo que tem valor de troca, e só tem sentido se servir à tomada de decisão ou ao processo ensino-aprendizado, e pressupõe, sempre, a intenção deliberada do emissor, de alterar conceitos, idéias, sentimentos, do receptor;
- ii A transferência de informação é um processo, e pode ser entendida como um caso particular da comunicação, assim como a notícia e a conversa;
- iii A formulação de idéias e conceitos, a nível individual, a partir da observação da natureza ou da criatividade, não se constitui na origem da informação, que, aí, está apenas latente. A informação só existe quando compartilhada, quer dizer, transferida. Daí porque alguns autores confundirem informação (entidade) com transferência de informação (processo), visto que

ambas são aspectos indissociáveis de um mesmo fenômeno;

iv Enquanto que a transferência de informação tem propósito específico de mudar as estruturas mentais do receptor, a comunicação, como um todo, é um processo, o qual é o agente específico da mudança ou da estabilidade cultural, que irá permitir que as propostas individuais sejam consensualizadas pelo grupo, alterando ou mantendo os esquemas simbólicos pré-existentes. A comunicação é, essencialmente, inter-individual (os indivíduos se comunicam, não as culturas e as sociedades), interativa e intencional, pois ela não é possível sem a dupla consciência: de si próprio e do(s) outro(s);

v O processo de comunicação pressupõe um estoque comum de informações pré-existentes, linguagem, expressões, sinais, códigos, etc., sem o qual não pode ocorrer;

vi Na medida em que tais entidades são traços culturais, próprios de um dado grupo humano, a comunicação (e as formas que assume) também o é;

vii A cultura, portanto, nada mais é do que o conjunto das informações pré-existentes, que se entrelaçam em sistemas de signos interpretáveis. Culturas são ordens de significado de pessoas e coisas, e são públicas (coletivas) porque o significado o é. A própria cultura comunica, pois a tentativa de não comunicar só pode ser feita a partir dos padrões culturais, pela sua negação;

viii A cultura pode ser entendida, desta forma, como o meio ambiente do processo de comunicação/transferência de informação. Quando tal processo dá-se em condições intraculturais, é impossível não haver comunicação, embora possa-se discutir a maior ou menor efetividade da transferência de informação. Nestes casos, a própria cultura comunica, embora ocorra que a especificidade da forma de comunicação esteja na razão inversa da possibilidade de transferência de informação, ou seja, em outras palavras, quanto mais elaborada e mais complexa a cadeia de significados que constituem a comunicação, menor o número de indivíduos, portadores da mesma cultura, aptos a atuar como receptores no processo de transferência de informação, como se dá, por exemplo, com a linguagem científica;

ix É fácil constatar-se que ruídos podem afetar esta comunicação, atuando tanto a nível do emissor e/ou do receptor, como no próprio canal. Como fica

implícito no modelo, a fonte de tais ruídos é o meio ambiente, ou seja, a cultura.

3 _ TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA

Como ficou estabelecido portanto, o meio ambiente da transferência de informação é a cultura. No entanto, na medida em que esta também regula a comunicação, vetor da transferência de informação, deve-se admitir, como um truísmo, que a cultura participa de tal processo em vários níveis ou facetas. De acordo com Brasil¹⁵, parece claro que cultura é conhecimento; é o que está na cabeça das pessoas. Enquanto em outras espécies os filhos herdaram os instintos que mais tiveram êxito na sobrevivência dos ancestrais, a família humana transmite à prole, além das lições da experiência pessoal dos pais, os conhecimentos da experiência coletiva do grupo, enquanto que a comunicação é interação humana, processo que tem lugar entre indivíduos com um ego, um ponto de vista. Logo, cultura e comunicação são conceitos complementares. A cultura (Park, citado por Brasil)¹⁵, então, inclui tudo o que é comunicável, e os seus componentes fundamentais, quaisquer que sejam as formas e símbolos em que se possam incorporar, nada mais são do que Vontade e Idéia no sentido dado por Schopenhauer.

"Desse modo, podemos considerar uma mesa ou um automóvel como os símbolos da forma ou combinação de formas culturais, existentes na nossa mente, e expressos em concreção material nos objetivos respectivos. Até uma árvore, como diz Goodenough, além de ser um objeto natural de interesse para um botânico, é um símbolo significando uma forma a que também dá o significado pela palavra árvore."

Ora, se os estudiosos da cultura estão interessados nas relações humanas de que resultam objetos materiais ou formas usuais e padronizadas de comportamento, se a inferência da cultura é feita através da observação de como a mesma se manifesta e se a manifestação da cultura só pode ser apreendida através da compreensão do significado simbólico de cada aspecto, então cultura e comunicação são realidades inseparáveis. Do mesmo modo que não há fato cultural sem comunicação, a própria comunicação é, em qualquer de suas formas simbólicas, um fato cultural, dado que pertence a categoria das coisas com que o homem modifica o ambiente com vistas a uma vida mais amena.

Barreiras culturais à transferência de informação: formulação preliminar do problema
Alfredo A. C. Mendonça da Souza

No sentido em que estamos tratando estes conceitos, a fala, isto é, a língua de uma sociedade é apenas um aspecto de sua cultura, pois, apesar de representar na espécie humana a principal forma de comunicação, ela, por si só, não dá conta de todas as circunstâncias em que os múltiplos modelos de interação da vida social exige em formas de comunicação.

É evidente que na sociedade moderna o rádio, o jornal, a televisão e outros meios de comunicação que podem ser considerados como extensões instrumentais da palavra falada têm dado à mesma uma preeminência maior do que aparenta. Um exame mais cuidadoso pode mostrar como os grupos sociais engendram formas sutis para permitir a transmissão de mensagens entre pessoas ou grupos.

Edward T. Hall, que tem estudado insistentemente os fenômenos de comunicação não falada, apresenta um quadro bastante completo e acessível do fenômeno em seu pequeno livro *The Silent Language* (1965). Aí ele escreve, logo nas primeiras páginas: o que as pessoas fazem é freqüentemente mais importante do que o que elas dizem.

Com isto o autor não nega a importância da fala como o mais técnico dos sistemas de mensagem. Ele reconhece mesmo que essa linguagem prove o modelo para análise de outros sistemas de mensagem.¹⁷ Em última análise, as mensagens emitidas por outros meios de comunicação são reduzidas ao código da fala para interpretação por parte do receptor e conseqüente resposta (que pode ser falada, não-falada ou até completamente não-manifesta). Dito de modo concreto, um gesto de alguém - um sorriso forçado, por exemplo — captado por outra pessoa a quem a mensagem foi dirigida, atinge os centros de associação mental através dos receptores da visão (o aparelho visual) e aí é reduzido ao código da fala (língua) do receptor da mensagem para a respectiva associação com um sem-número de memórias anteriormente registradas (Brasil)¹⁵.

A mensagem, portanto, é o fenômeno central da comunicação. Quando leva a uma mudança dos conceitos ou idéias do receptor, tem-se uma transferência de informação, como ficou visto. Em termos culturais, tais mensagens podem ser agrupadas em 10 categorias (baseado em Hall, 1965):

- i Interação (que envolve a linguagem falada);
- ii Associação;
- iii Modo de Subsistência;

- iv Sexualidade;
- v Territorialidade;
- vi Temporalidade;
- vii Aprendizado;
- viii Divertimento;
- ix Defesa;
- x Exploração de recursos materiais.

A transferência de informação, por sua vez, recai completamente no grupo Aprendizado, e pode dar-se, de acordo com Ziemilski, pelos seguintes canais:

- i transferência pessoal de conhecimentos;
- ii transferência pelos textos;
- iii transferência pelos meios audiovisuais;
- iv transferência pelas obras de arte;
- v transferência pelas coisas ou objetos.

Evidentemente, tais canais serão mais ou menos eficientes, de acordo com os setores pelos quais a informação é transmitida. Baseando-se em Ziemilski, a relação entre setores e canais pode ser resumida da forma que se segue:

	PESSOAS	"TEXTOS"	AUDIO VISUAIS	OBRA DE ARTE	"COISAS"
Cultural		*	-	+	
Educação	-				
Estilo de vida	+	-	+		+
Modelo de Org. Social	-				
Meios de Com. Massa	+	+	+	.	
Científico		t	.	.	-
Tecnológico	-	-	.	.	+

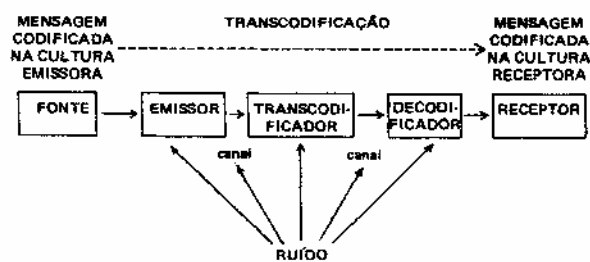
+ -- maior importância
 - - menor importância
 . * importância nula

4 _ A TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO EM CONTEXTO TRANSCULTURAL

Até aqui pretendeu-se haver demonstrado que a transferência de informação tem por valor a mensagem, elemento focal da comunicação, sendo esta, por sua vez, um aspecto indissociável da cultura. Assim sendo, todas as considerações tinham como

substrato, ainda que não explícito, o compartilhamento, em algum grau, dos mesmos traços culturais, entre emissor e receptor.

O problema que se pretende discutir, no entanto, é o da transferência de informação em contexto transcultural, ou seja, abstraído-se o fato de que a comunicação ocorre entre indivíduos, deseja-se saber como se processa a transferência de informação quando a cultura emissora é distinta da cultura receptora. O modelo geral desta situação pode ser derivado facilmente do de Shannon e



Weaver:

Percebe-se, de imediato que as possibilidades de ruído aumentam, extraordinariamente, devido à maior extensão a ser percorrida pela mensagem, à fricção central (o meio ambiente não é homogêneo - uma cultura — mas o resultado da interação entre duas culturas), e à presença de um "transcodificador".

Alguns autores têm posto em relevo o fato de que as línguas, elas próprias, podem-se constituir em fortes barreiras à comunicação, mas este é o problema de mais fácil solução, visto que sempre é possível o recurso de outras formas de expressão, como os gestos, posturas, e até a própria troca de objetos ou artefatos, e, assim, a transferência de informação sempre é viável. Neste caso, intui-se, mas não se demonstra, que quanto menor o estoque comum de signos, convenções, ideias e conceitos, menor a quantidade de informações transferidas, até o caso limite em que a própria troca de bens materiais (realia) praticamente não transfere informação. Tal situação é bastante conhecida dos antropólogos envolvidos com a análise de pinturas e desenhos pré-históricos. Eles simplesmente não conseguem imaginar qual a função, a técnica de elaboração ou o valor daqueles sinais, embora alguma informação possa ser obtida, como as formas, as matérias-primas, a sua própria existência e localização espaço-temporal. Tal transferência, no entanto, só se torna possível porque os antropólogos a desejam, porque a cultura receptora quer que ela ocorra.

Este exemplo é passível de generalização. Quando, no interior de uma sociedade portadora de uma cultura prevalecem as forças favoráveis à mudança, esta transferência de informação sempre é possível. Nestes casos, diz-se que a cultura receptora está-se aculturando à emissora, processo este, que pode ser mais ou menos abrangente. Se por outro lado, a tendência à estabilidade for mais significativa, a cultura receptora ou à qual destina-se a informação, pode recusá-la, atuando como uma barreira ou filtro à sua transferência, ainda que algo ou alguma coisa sempre acabe por ser assimilado. Nestes casos, só resta ao emissor, desde que o desejo, impor as mudanças, forçando a transferência de informação por métodos quase sempre violentos, o que acarreta a deculturação do receptor.

É evidente, que nas modernas sociedades existem grupos comprometidos com a mudança e outros voltados para a permanência cultural, o que resulta na ocorrência simultânea de ambos fenômenos, e que, embora seus integrantes detenham numerosos traços básicos comuns às diferenças entre seus segmentos e estamentos, é suficiente para afirmar-se que toda a transferência de informação dá-se, até certo ponto, em meio ambiente transcultural.

Tal situação deriva do fato de que cada sociedade se distingue das outras pelas características do seu patrimônio cultural. Então as mensagens, mesmo que manifestadas de modo idêntico, têm sentido diferente em culturas diversas. Na medida em que, como lembra Hall¹⁷, "não há maneira de ensinar cultura do mesmo modo que a língua é ensinada", a comunicação (e, conseqüentemente, a transferência de informação) entre pessoas socializadas em culturas distintas, pode-se tornar muito difícil ou, até, impossível. Tal fato pode ser observado mesmo dentro de uma única cultura, na transferência de informações entre classes ou estamentos sociais. Ora, "se a nível local ou regional as especificidades subculturais podem determinar desvios no processo de comunicação, as possibilidades de bloqueio serão muito maiores quando se trata de casos em que o entendimento precisa ser feito entre membros de áreas culturais diversas" (Brasil)¹⁵.

Robert E. Park é muito claro, a este respeito, ao afirmar que "pode-se, sem dúvida, transportar palavras através das fronteiras culturais, mas as interpretações que elas recebem, dos dois lados de uma divisa política ou cultural, dependerão do contexto em que as integrem seus diferentes intérpretes. Este contexto (por sua vez), dependerá muito mais da experiência passada e do estado de

espírito atual das pessoas a quem as palavras se dirigem, do que da perícia ou da boa vontade das pessoas que as relatam" (Park ^{apud} 15). Ou seja, como já foi dito, a transferência depende muito mais do receptor do que do transmissor.

A hipótese substantiva deste estudo, portanto, é a de que em meio ambiente transcultural, a cultura receptora, em maior ou menor grau, atua, como uma barreira ou filtro à transferência de informação. Tal formulação, que relaciona variáveis como cultura receptora, cujo grau de estabilidade oscila, podendo ser mais ou menos eficiente como barreira, e quantidade de informação transferida, não pode, de nenhuma forma, ser testada diretamente, pois o comportamento destas variáveis não pode ser observado (a presença do pesquisador já implica em transferência de informação), nem existem processos adequados para mensurá-las, além de se referirem a acontecimentos que estão ocorrendo ou já ocorreram, portanto no passado, e não ser ético praticar-se experimentação sobre populações humanas. Pode-se, no entanto, argumentar em favor desta proposição, com base no marco teórico e nos conceitos apresentados de cultura e comunicação:

i Na medida em que não existam traços culturais comuns, ou estes sejam pouco significativos, a comunicação em contextos transculturais tende, necessariamente, a assumir formas de expressão mais simples e genéricas, como gestos, posturas e sons inarticulados;

ii Ainda assim, não há nenhuma garantia de que se possa estabelecer qualquer tipo de comunicação;

iii Havendo interesse por parte do receptor, no entanto, sempre é possível a assimilação de algum gênero de mensagem, geralmente aquela latente nos objetos que são transferidos;

iv Se a sociedade receptora está comprometida com a mudança, esta mensagem pode transferir informações que acabarão por iniciar processo aculturativo mais ou menos intenso;

v Em caso contrário, restará ao emissor forçar tal transferência, se isto for vital para sua sociedade, processo hegemônico que culmina com a deculturação do receptor.

Este é um problema, portanto, que afeta tanto a Antropologia como a Ciência da Informação, mas, no entanto, tem sido minimizado por esta última, tanto por ser, esta, produto dos países cêntricos; cujas culturas têm caráter eminentemente

hegemônico, como pela precariedade de seu marco conceitual, o que acaba por colocá-la a serviço da dominação econômico-social. Uma vez que não existe transferência de informação pura ou altruística, até porque, como foi visto, a informação tem valor de troca, este assunto deve ser tema de reflexão por parte dos grupos portadores de culturas tidas como receptoras, até para que a informação transferida seja socialmente útil e não atue como agente desestabilizador capaz de produzir mudanças bruscas no conhecimento tradicional de tais grupos, o que leva a processos agudos de deculturação e dependência externa.

AGRADECIMENTOS

Este artigo deriva de dois trabalhos apresentados às cadeiras de Teoria da Comunicação, ministrada pela Profa. Anna Maria Marques Cintra, e Fundamentos da Ciência da Informação, ministrada pela Profa. Regina Maria Marteleto, ambas do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT, às quais agradecemos pela orientação oportuna, agradecimentos que estendemos à Profa. Abigail de Oliveira Carvalho, a Judith Kuhn e a Sheila Ferraz Mendonça de Souza, pelas sugestões apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FOSKETT, D.J. Informática. In: Ciência da Informação ou Informática? Rio de Janeiro, Calunga, 1980. p.60.
- MIKHAILOV, A.I.; CHERNYI, A.I. & GILYAREVSKYI, R.S. Estruturas e principais propriedades da Informação Científica. In: Ciência da Informação ou Informática? Rio de Janeiro, Calunga, 1980.
- FOSKETT, op.cit.,p.14.
- SHANNON, C. & WEAVER, W. The Mathematics of communication. Scientific American, 181 (7): 11-5, July, 1949.
- SHERA.J.M, &CLEVELAND.D.B. History and foundation of Information Science. Annual Review of Information Science, 12: 249-75, 1977.
- BORDENAVE, J.D. A evolução do Conceito de Comunicação. Revista IBM, 4: 24-9, jun. 1979. p.25.

- BELKIN, NJ. & ROBERTSON, S.E. Information Science and the phenomenon of Information. *Journal of the American Society for Information Science*, 27(4): 197-204, Jul./Aug. 1976.
- ^B MIKHAILOV, A.I. et alii, op. cit., p.86.
- MONOD, J.-O. *Acaso e a necessidade*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- ¹⁰ DAVIS, K. *Human Society*. New York, Macmillan, 1949. p.27.
- ¹¹ GEERTZ, C.A. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- ¹² SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ¹³ CINTRA, A.M.M. *O fenômeno da comunicação humana*. Rio de Janeiro, 1981. Tese de Mestrado.
- ¹⁴ WATZLAWICK, P. et alii. *Pragmática da Comunicação humana*. São Paulo, Cultrix, 1981.
- BRASIL, J. P. S. *Fundamentos antropológicos da comunicação*. In: Sá, A., ed. *Fundamentos científicos da Comunicação*. Petrópolis, Vozes, 1973. p. 91 e seguintes.
- SAPEYRE, E.T. *The silent language*. Greenwich, Conn, Fawcett Pub, 1965. p.15.
- ¹⁷ .. p. 38.
- ¹⁸ ZIEMILSKI, B. *Lês formes sociales du transfer des connaissances*. In: *Domination ou partage?* Paris, Unesco, 1980. p. 91 e seguintes
- ¹⁹ ACKERMANN, W. *Los valores culturales y la selección social de la tecnología*. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, 33(3): 489-509, jul/ago, 1981.
- ²⁰ AYVAZIAN, S. *Étude statistique des dependences*. Moscou, MI R, 1970.
- ²¹ BORDENAVE, J.E.D. & CARVALHO, H.M. *Comunicação e Planejamento*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ²² REIFFERS, J.L., et alii. *Sociétés transnationales et developpment endogéne*. Paris, UNESCO, 1981.
- ²³ SAMOVAR, L.A. & PORTER, R.E. *Intercultural communication a reader*. Califórnia, Wadsworth Pub, 1972.
- ²⁴ SHERA, J.H. *Sobre biblioteconomia, documentação e Ciência da Informação*. In: *Ciência da Informação ou Informática?* Rio de Janeiro, Calunga, 1980.

ABSTRACT

The Information transfer occurs only by noisy channels that may introduce distortions difficulting or blocking that transfer. It's necessary to identify the origin of that noise in this phenomenon's environment, that's to say, the interaction between the sender's and recipients cultures, in order to demonstrate that it is the recipient's culture itself that constitutes the main barrier to Information transfer.